

## O PÚBLICO LEITOR E A LITERATURA FEMININA NEGRA: ENCONTROS EM REDES E ENTRE (EN) CANTOS

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza – tai\_campos@hotmail.com  
Mestra em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**RESUMO:** O seguinte trabalho reflete sobre a utilização da internet no processo de recepção de textos das escritoras negras baianas: Fátima Trinchão, Jocélia Fonseca, Mel Adún e Rita Santana. Buscamos observar como o processo de intercomunicação entre autor, texto e leitor pode ser ampliado por um trânsito literário em rede, reverberando na formação de um elo de interação que traz à tona subjetividades interconectadas. Tomamos como base autores como Benjamin (1987), Chartier (1998), Canclini (2000), Cuti (2010) Eagleton (2006), entre outros. Para tanto, descrevemos táticas empreendidas pelas escritoras na busca da circulação de seus escritos e do alcance de um público leitor, verificando como a internet é um meio eficaz de veiculação não só de seus textos, mas de fomento de um horizonte de expectativas de leitores potenciais. Esse processo de visibilização e alcance é altamente possibilitado pelas redes eletrônicas, já que, diante das dificuldades de inserção na cadeia livresca as escritoras usam modos alternativos para ecoar suas vozes. O interesse despertado nos leitores indica a presença de um público possível sedento de escritos inscritos sob o eixo do gênero e da raça.

**PALAVRAS-CHAVE:** escritoras negras; recepção; redes eletrônicas; leitor potencial.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de um projeto de pesquisa de mestrado que investigou modos alternativos de produção, publicação e circulação de textos de escritoras<sup>1</sup> negras baianas frente a

---

<sup>1</sup> Durante a execução do projeto foi realizado um mapeamento de escritoras negras baianas e, a partir de uma seleção, chegamos a um número de quatro escritoras:

**Fátima Trinchão:** Nasceu em Euclides da Cunha - BA, em 18 de julho de 1959. Formou-se em Letras com Francês pela Universidade Católica de Salvador. Sua produção bibliográfica, composta por contos e poemas, dá-se, sobretudo, pela participação em antologias. Os aspectos da vida e obra de Fátima Trinchão evidenciam o comprometimento político-social e cultural da mesma em projetos literários que dignifiquem o ser humano, que rompam com preconceitos e opressões de minorias estigmatizadas, como as mulheres e o povo negro.

**Jocelia Fonseca:** nasceu em Juazeiro-BA. Reside, desde 1997, em Salvador, onde graduou-se em Letras com inglês. É integrante do grupo baiano “Importuno Poético”, formado por três poetisas que realizam apresentações teatralizadas, saraus, declamações, recitais em vários estabelecimentos e instituições baianas. Seu trabalho tem como foco a defesa da alma fêmea, a valorização da estética e força femininas e da cultura afro-brasileira e africana.

**Mel Adún:** É escritora, jornalista e contadora de histórias. Nasceu em 26 de julho de 1978, em Washington D.C., período da ditadura militar no Brasil, da qual seus pais fugiram. Em 1984, ela chegou ao Brasil, mas retornou para estudar nos Estados Unidos, em 1998. Em 2001, voltou a residir no Brasil, em Salvador, naturalizando-se brasileira e baiana. Integra o coletivo literário Ogum’s Toques Negros, o qual, lançando-se à tarefa da editoração, tem se dedicado a publicar e visibilizar textos de autores (as) negros (as). Participa de projetos e iniciativas que se inserem no combate ao racismo e às problemáticas ligadas às questões de gênero.

**Rita Santana:** Atriz, poeta e contista, nascida em Ilhéus - BA. É professora da Rede Estadual do município de Lauro de Freitas-BA. É uma figura que, entre tantas produções, movimentos e projetos culturais realizados, dá importância crucial à educação e às questões de gênero. É formada em Letras com Francês. Também é pós-graduada em História Social e Cultura Afro-Brasileira. Seu currículo como atriz é diversificado por atuações no teatro, na televisão e no cinema.

dificuldades de inserção no mercado editorial que giram em torno das variáveis de gênero, raça e região.

Além de observarmos em que condições as escritoras pesquisadas produzem, publicam e circulam seus textos, refletimos como criam formas de alcance de um público leitor que contribuem com a recepção de seus escritos. Percebemos que o trabalho de circulação de textos realizado pelas escritoras através da publicação na internet, entre outras ferramentas, é crucial para o estabelecimento do contato com o público, para o fomento de uma recepção dos textos. Assim, completa-se, fecha-se a cadeia: produção, publicação, circulação e recepção.

Observamos que as escritoras, através de táticas variadas, buscam inserir seus escritos em circuitos literários e livrescos, e, nesse trânsito, a internet tem sido uma ferramenta bastante utilizada e muito eficaz para tornar visível a produção das mesmas, garantido o contato mais próximo e instantâneo com um público leitor.

Destarte, neste artigo descrevemos e refletimos sobre maneiras de aproximação com o público leitor, criadas ou utilizadas pelas escritoras da pesquisa, observando como a internet tem sido usada, potencialmente, para a recepção dos textos, criando uma rede de intercomunicação entre os (as) leitores (as) e as autoras.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

A ideologia eurocêntrica e elitista tem se afirmado através dos produtos culturais e, nos processos de homogeneização operados por essa indústria, torna-se a referência principal. A difusão de um padrão cultural e estético etnocêntrico branco pode ser vista em diversas áreas da nossa sociedade, o que não é diferente no setor literário e editorial. Schmidt (2011) chama a atenção para o fato de que escritores negros brasileiros enfrentam dificuldades de mercado, tendo que trabalhar com edições autofinanciadas, o que corrobora para nenhuma ou pouca visibilidade de seus escritos.

Ainda, essas dificuldades são enfrentadas no processo de outra produção desviante dos padrões homogêneos e hegemônicos: a produção feminina. Muzart (2004) explanou sobre as demandas e dificuldades encontradas no percurso da edição e publicação de escritos femininos, evidenciando como a negação do reconhecimento da mulher, enquanto sujeito da escritura, já vem de longas datas. Através dessas e de outras (os) estudiosas (os), identificamos que, para minorias étnicas e de gênero há uma dificuldade de escoar suas produções, o que indica que, para as mulheres negras, o problema pode se intensificar, uma vez que une dois fatores de estigmatização e exclusão sociocultural: o gênero e a raça.

Assim, frente a uma indústria capitalista e um mercado editorial estabelecido, ainda não atento às suas demandas, tais sujeitos sociais buscam outros meios de exprimir suas vozes e publicar seus escritos. Como observamos, através das escritoras pesquisadas, táticas são criadas ou utilizadas para produzir, publicar, circular seus textos e fazê-los chegar ao público receptor. O desejo de circulação e de uma recepção para com seus textos pode ser observado nas diversas maneiras como as escritoras trabalham em prol de suas produções, desde a preocupação com o lançamento até à exposição dos textos em diferentes espaços, físicos e virtuais. O movimento intenso e variado de divulgação desses escritos tem contribuído para a captação e formação de um público leitor, que se mostra necessitado de uma literatura inscrita pelo eixo da diferença que abarca gênero e raça, evidenciando que:

Mesmo não estando no circuito das edições formais, a Literatura negra percorre caminhos paralelos aos institucionalizados pela indústria cultural e distantes dos cânones acadêmicos; divulga e imortaliza não só os textos como alguns de seus autores. Ultimamente, tal atitude tem sido ampliada através do vasto território da internet. (ALVES, 2010, p.48).

A relação com os meios de comunicação, como a internet, que permite uma aproximação mais instantânea com o público, traduz uma tática das escritoras, pois por esse mecanismo, se consegue o alcance de um público mais amplo, uma vez que não se restringe à divulgação em meios acadêmicos e especializados. Essa outra forma de visualização e, por vezes, aquisição do produto artístico-literário o torna mais acessível e menos mercadológico, do ponto de vista capitalista, já que permite alcançar um público leitor muito maior, e com um recurso de baixo custo.

Para Mel Adún, sua visibilidade, enquanto escritora, tem acontecido por meio dos coletivos, especialmente do Ogum's Toques Negros. O coletivo surgiu há cinco anos em posts rotineiros em seus blogs e nas redes sociais, o que resultou, no ano de 2014, no lançamento da primeira coletânea poética do grupo, que se iniciou como editora, o que nos indica a força dessa visibilização em rede.

Uma ação do coletivo Ogum's Toques Negros que tem funcionado como forma de divulgação de textos da Literatura Negra, e, ao mesmo tempo, meio de interação com o público, são as constantes publicações de posts/fotos com trechos de poemas sobrepostos a imagens, como o exemplo abaixo, que, de alguma maneira, compõem a estrutura da mensagem e estimulam o processo de recepção do texto:

Figura 1 – Postagem poética do Ogum's Toques



Fonte: < <https://www.facebook.com/OgumsToques?fref=ts>>

Os fragmentos de textos, partículas de um tecido literário maior, encontraram na internet respaldo em um público leitor desejoso de adentrar uma fonte, ainda não tão acessível, que é a da Literatura Negra. Percebemos que a nova editora Ogum's Toques está se delineando por essas vias, construindo um perfil local/global, midiático com os recursos que tem: internet, eventos, articulações em jornais, muito preocupado com a produção gráfica, pois o campo de consumo da mercadoria é orientado pela imagem e pela publicidade. Essa repercussão pode ser sentida na fala de Mel Adún:

Quantos escritores (negros) a gente vê na Saraiva? Na livraria Cultura? Agora, outra coisa pra contrabalançar: na livraria Saraiva toda vez que eu vou pra lançamento de livro ou na Cultura, eu não vejo as 300 pessoas do livro do coletivo. Isso quer dizer o quê? Que o nosso é melhor que os deles? Não! Mas quer dizer que tem uma população que está sedenta desse material. Então a gente tem mercado! (ADÚN, 2014)

A grande proporção de público leitor citada pela escritora indica a visibilidade produzida pela atuação do coletivo no trabalho de formação desse público, com a divulgação dos textos dos escritores negros na internet, especialmente nas redes sociais e ainda expressa a demanda por obras de cunho étnico-racial aqui na Bahia.

A eficácia e consolidação de editoras negras/afro-brasileiras e o surgimento de novas, como a Ogum's Toques, têm colaborado para a divulgação não só de seus escritores e suas produções, mas o alcance é muito maior, pois implica na divulgação de saberes, culturas, formas de vida marcadas pelo eixo da diferença, do gênero, da etnia, da classe, da posição social, contribuindo, assim, direta ou indiretamente, para uma agitação cultural em torno disso.

Tal ação, como já sinalizamos, repercutiu no grande número de pessoas no lançamento do primeiro livro da editora, possivelmente em busca de mais dessa fonte repleta de palavras “aguadas” como a de Mel Adún, que mesmo em meio às sinuosidades do trajeto, desviam e jorram nos corações e mentes dos leitores, transbordando emoções, vivências e memórias.

Reconhecemos com Elizangela Santos (2012) que o campo literário brasileiro tem renovado nas formas de suporte, temas e meios de divulgação que diferencia e torna mais próxima a interação entre autores e leitores. Essa nova tendência de produção tem aproveitado não só dos recursos tecnológicos disponíveis, mas faz uso deles para a “[...] exibição da realidade que é vivenciada, em seus diferentes aspectos, pelos excluídos do processo social”. (SANTOS, 2012, p.3)

Verificamos como experiências multimidiáticas têm modificado os meios de produção, publicação e acesso e têm contribuído para a ampliação de produções literárias em uma perspectiva que vai do local para o global. É esse o efeito das ações do Coletivo Ogum’s Toques, que apostou, por meio de intercâmbio com outros produtores culturais e literários, em lançamentos da primeira coletânea do grupo, não só na Bahia, mas em outros estados do Brasil. Assim, a editora, que é a primeira “negra” na Bahia, tem ganhado destaque na mídia pelo seu intenso trabalho de divulgação em blogs e nas redes sociais, em eventos literários vários e por um posicionamento político frente a questões que desrespeitam ao povo negro. Vemos veiculadas matérias<sup>2</sup> significativas sobre o Coletivo e sua importância no fomento da Literatura Negra, o que tende a chamar, mais ainda, a atenção do público leitor e a chegar, em grandes dimensões, a outros locais e pessoas.

Como reconhecimento por sua ação no coletivo Ogum’s Toques e pela administração do perfil do grupo no facebook e no blog, Mel Adún foi eleita uma das 25 negras mais influentes da Web no ano de 2014, pelo Blogueiras negras<sup>3</sup>. A escolha se deu através de consulta a mais de 1.400 mulheres negras visitantes do site. A matéria da comunidade, com os perfis e fotos das blogueiras negras, circulou pelo território da internet e suas redes sociais, destacando a importância das mulheres negras escolhidas em assuntos pertinentes a ativismo, beleza negra, entre outros aspectos trabalhados em livros, músicas, poemas, entre outras produções das blogueiras. A matéria abaixo é um bom exemplo da dimensão que o coletivo tem tomado:

---

<sup>2</sup> Conferir matérias: Jornal Correio: o que a Bahia quer saber – março de 2014;

A Tarde (online) em: <<http://mundoafro.atarde.uol.com.br/?p=5629>>;

Portal IBahia: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/primeira-editora-negra-de-salvador-promove-lancamento-do-livro-ogums-toques-negros-nesta-sexta-21/?cHash=2d5be8cb9ee079dcbb6e030079cb18d6>>;

Blog Salve Favela: <<http://salvefavelas.blogspot.com.br/2014/06/vai-que-e-banzo-sobre-coletanea-poetica.html?spref=fb>>

<sup>3</sup> Blog que reúne mulheres negras e afrodescendentes, suas escritas, matérias e debates em torno da negritude e do feminismo.

Figura 2 – Jornal Bio



Fonte: < <https://www.facebook.com/OgumsToques?fref=ts>>

Corroboramos com Cordeiro (2006) quanto ao desafio de formar leitores em uma sociedade globalizada, caracterizada pelo trânsito rápido e intenso de informações vindas de muitas fontes e lugares, mas esse é um desafio que a Ogum's Toques tem superado por sua intensa divulgação e veiculação em meios midiáticos de diversas plataformas, sites, jornais, o que torna maior o conhecimento por parte do público e uma “ponte” para a produção literária. Além disso, tem como um de seus focos, justamente, a formação de público leitor. Assim, são várias as chamadas na página oficial no facebook que evidenciam esse objetivo, como a postagem a seguir:

Figura 3 – Campanha da Ogum's Toques para formação de público leitor



Fonte: < <https://www.facebook.com/OgumsToques?fref=ts> >

O coletivo que trabalha, de forma intensa, no intuito de formar público leitor, já alcançou a marca de mais de 10.000 curtidas e seguidores em sua página no facebook. A grande proporção de público leitor indica a repercussão positiva, proporcionada pela divulgação e circulação na internet, bem como a demanda por obras de cunho étnico-racial.

Essa repercussão também indica, apesar da pluralidade de receptores, um público potencial: leitores (as) negros (as), aos quais a maioria dos textos veiculados pelo coletivo se dirige, visto que, como afirma Eagleton (2006, p. 127): “Todo texto literário é construído a partir de um certo sentimento em relação ao seu público potencial e inclui uma imagem daqueles a quem se destina”. Para Eagleton, toda obra prevê um público, traz o que Iser (1979) denomina de leitor implícito. Isso pode ser percebido na obra pela linguagem que geralmente dará indícios de seus possíveis públicos. Isso configura as comunidades interpretativas ou formações de leitura, sobre as quais aborda Hall (2003) e que abrangem o contexto do receptor, de suas práticas, culturais, institucionais, enfim, elas desenham o perfil de um público a quem o foco do texto se destina.

Considerando que, “a recepção liga-se ao indivíduo social e histórico que somos”. (EAGLETON, 2006, p. 127), observamos o potencial recepcional de leitores (as) negros para com a Literatura Negra e feminina, uma vez que esta dialoga com o horizonte de expectativas deste leitor. Para Iser (1979) o horizonte de interação fomentado pela influência recíproca do texto e o efeito sobre o leitor dá corpo à atividade receptiva. Observamos que, hoje, essa troca tem sido potencializada pelo território da internet, pela rapidez, simultaneidade com que o processo de comunicação ocorre.

Como indica Roger Chartier (1998) as mudanças nas estruturas do suporte do livro e nas formas de ler são revolucionárias, o que se reflete na conjunção entre esferas antes separadas na formação de um livro. Como aponta o autor, graças às redes eletrônicas podem-se encontrar um mesmo indivíduo que desenvolva as tarefas da produção, da edição e da difusão de um texto para um público de leitores. Nesse processo, podem ser abalados, também, os pressupostos do papel do crítico, pois como explica o autor, pode haver uma ampliação dessa esfera, já que a rede eletrônica provoca o contato imediato entre produtores e leitores e, ao mesmo tempo, uma diferenciação da concepção de crítica, apenas balizada por instituições, instâncias acadêmicas e pessoas consideradas gabaritadas para tal. Essa mudança de perspectiva promove uma relevância ao papel do leitor no processo de recepção do texto e legitimação do mesmo.

Daniela Barbosa (2012) realizou a análise de manifestações literárias em ambiente digital, observando seus modos de produção, que de um molde tradicional de feitura do texto, caminham,

na atualidade, para a criação de uma literatura *linkada*<sup>4</sup>, como denomina a autora. Através do trabalho de visita a *sites* e *blogs* literários, redes sociais e de entrevistas com escritores, Barbosa verificou como os avanços tecnológicos têm modificado as relações entre os participantes da trama literária: autor, leitor, obra e crítica.

Como evidencia Barbosa e nós também visualizamos em nossas pesquisas na internet, um dos pontos fortes da veiculação literária em rede tem sido a interação entre escritor e público receptor, constituindo uma sociedade interconectada e comunicativa. Esse trânsito literário é potencializado pela presença de espaços abertos aos comentários do leitor, o que, em alguma medida, dá corpo à fortuna crítica do autor. Essa recepção é importante, pois “para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor”. (EAGLETON, 2006, p. 113). Desse modo: “Se o papel do leitor no texto impresso, mesmo de forma exteriorizada, já era importante para “concretização” da obra; no texto digital, ele é determinante. Isso ocorre porque o leitor em ambiente digital é transportado para dentro da ação”. (BARBOSA, 2012, p. 27)

Tamanha interação do leitor pode ser vista pelas curtidas e comentários das postagens poéticas das escritoras nas redes sociais. O comentário de uma das leitoras de Rita Santana, que utiliza seu blog Barçaças e sua página na rede social do facebook para a divulgação de seus escritos e de outros (as) escritores (as), ilustra bem esse processo interacional de recepção:

**Figura 4** – Comentário de leitora da obra de Rita Santana



Fonte: <<https://www.facebook.com/rita.santana.988?ref=ts>>

<sup>4</sup> De acordo com os estudos teóricos levantados por Barbosa, uma literatura *linkada* seria aquela totalmente produzida na rede eletrônica, utilizando-se de todos os suportes digitais, como sons, imagens e links dentro do próprio texto. Como constatou a autora, essa literatura *linkada* ainda não tem ampla utilização, o que se percebe, predominantemente, é a postagem de produções literárias previamente produzidas, que na rede ganham circulação, como é o caso também das escritoras trabalhadas em nossa pesquisa.



A leitora declara:

Hoje queria ter apenas um lugar de paz, onde eu pudesse viajar pelo mundo magnífico da realidade de Rita Santana. Mulher, sua poesia me faz bem demais, e não consigo ficar um dia sem ler ao menos uma, declamar... Aiiiiii!!!! Amo aquele erotismo enlouquecido, um amor desconstruído, a mulher alerta!!!! Existem dias que tenho vários orgasmos de pura adrenalina poética...Ah Rita!! Se mais e mais mulheres adquirissem suas poesias para a vida, elas seriam deliciosamente mais felizes e conscientes de seu papel nesse mundo tão machista ainda. Obrigada Rita, tu és maravilhosa!!!!

Esses escritos repercutem no empoderamento do leitor, mais ainda das mulheres leitoras, pois contemplam de forma intrínseca as mesmas e têm impacto sobre suas relações humanas. Dialogando com Chartier (1998), observamos que a posse do texto por parte dos receptores passa pela sua inscrição nas experiências de vida e leituras de mundo de tais indivíduos, o que confere “respiração”, vida à textualidade. O ato de ler, de tal modo, perpassa pelo prazer e, concomitantemente, pela reflexão sobre a condição de ser da receptora. Segundo Jauss (1979) a arte literária só mantém a experiência estética pelas funções da *poiesis*, da *aisthesis* e da *katharsis* se proporciona o prazer. Destarte não é nem mero prazer nem pura reflexão, mas a intermediação entre essas duas instâncias. E assim se delinea o papel ativo do (a) leitor (a) no trânsito literário, uma vez que o texto só se concretiza e obtém validade estética através da leitura.

Como aponta Ricardo Barbosa (2006), sobre a questão da validade estética, da mesma forma que as pessoas, as obras de arte produzidas por ela esperam reconhecimento e aprovação e isso só é possível a partir da experiência estética que se dá em nossa relação com as obras. Tal validade compreende o direito de uma existência merecida, e antes é necessário que ocorra o processo de comunicação das reações despertadas no leitor por meio da obra. Essas reações, por sua vez, têm por fundamento a constituição subjetiva do leitor, por isso torna-se essencial que a obra de arte, nesse caso o texto literário, ofereça elementos para o desbloqueio da sensibilidade do receptor. É esse o movimento que se faz presente na recepção dos textos das escritoras, pois os (as) leitores (as) são tocados em sua subjetividade. Dessa forma:

A experiência se faz fluxo a ser narrado, compartilhado. Ao considerar o fluxo como experiência ou falarmos em experiência multimídia, estamos num horizonte em que as linguagens se cruzam e se convergem tecnologicamente, tanto na produção quanto numa recepção cada vez mais marcada por uma simultaneidade de meios e sensações. (LOPES, 2006, p. 122)

É essa uma das vantagens da internet nos dias de hoje, a possibilidade do diálogo, da interação de forma rápida e amplamente acessível. Por isso, seu uso tão intenso por parte de

escritores que visam um chamamento de um público para ler, por meio de seus textos e performances, questões cotidianas, sociais, históricas, de uma poética talhada na dramaticidade do verbo. Abaixo, um comentário no blog Barcaças mais uma vez exemplifica a participação receptiva de leitoras de textos de Santana:

**Figura 5** – Comentário de leitora do blog de Rita Santana

**Cirandeira**31 de maio de 2011 13:46  
Esse teu texto é tão forte, tão denso que me deixa quase sem palavras! Já vim aqui várias vezes, lí-o, relí-o e continuo meio muda. A tua sensibilidade para retratar a dura realidade dos cortiços, favelas, amontoados humanos instalados nas periferias das cidades é de quem conhece de perto e de dentro o amarelecer dessas criaturas. E mesmo assim nos transmite beleza e muita poesia! Gosto demais de tudo que escreves. Obrigada, querida!  
Beijoss

Fonte: <<http://barcasritasantana.blogspot.com.br/>>

O texto que embeveceu a leitora é o conto “As janelas” do livro *Tramela* que mostra, através do olhar sensível da autora, cenas de vida, imagens cotidianas. Retrata, evocando sons e cores e através de variadas personagens, a experiência sofrida dos sujeitos sociais amontoados em cortiços, favelas. Questões de importante relevância social são retratadas pela voz do conto, como a violência doméstica, o machismo, a homofobia. Tal representação é feita de uma forma forte, mas dramatizada pela tessitura das palavras que as fazem soar poéticas. Diante da leitura do conto a leitora expressa a diversidade e intensidade de reações provocada pelo texto. Os efeitos do texto sobre a leitora provocam movimentos em sua interioridade e em seus sentidos. O conto “As janelas” é um entre tantos textos postados por Santana, que posta de tudo um pouco na internet: poemas, entrevistas, vídeos etc. Entre suas postagens encontra-se o vídeo de sua participação, ao vivo, no Programa Poesia Incendiária<sup>5</sup>, no qual recitou ao lado do poeta José Inácio Vieira de Melo diversos poemas, regados por músicas e muita descontração. Na ocasião houve o que consideramos um momento de recepção para com a escrita de Santana: Melo recitou um poema seu feito em homenagem à escritora, trazendo à cena as várias mulheres, ficcionais e reais, que nela habitam e que se expressam, especialmente por meio de sua lírica. Ainda, durante a atração, era disponibilizado um canal de interlocução com o público que podia enviar mensagens, interagir em tempo real. Houve a participação de ouvintes pedindo poemas, inclusive um aluno de Rita Santana. Esse encontro poético e musical pode ser acessado pelo site Youtube<sup>6</sup> e no blog da escritora, o

---

<sup>5</sup> Programa online transmitido, ao vivo, no canal Vandex TV: <[www.vandex.tv](http://www.vandex.tv)>

<sup>6</sup> Conferir em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B6JhrzC3jL8&feature=share>>

Barcaças. A autora também compartilhou o vídeo em sua página no facebook, dando abertura a outras possibilidades de compartilhamentos e visualizações.

Observamos nesse processo que a circulação dos textos das escritoras não só em ambientes críticos e acadêmicos, mas principalmente na internet, tem ampliado sua recepção. Santana considera bacana a leitura de sua obra não só por estudiosos, pesquisadores e professores que divulgam seu trabalho, mas também por leitores comuns que têm contato com sua produção por meio do blog e das redes sociais.

Fátima Trinchão também tem visualizado um progresso em relação à recepção de seus textos, no que se refere à inserção destes em ambientes acadêmicos e sua circulação maior, proporcionada pela internet. A autora expõe seus textos nos formatos de contos, artigos, crônicas e poesias em sua homepage na internet. O site comporta páginas de acesso ao perfil da autora; seu diário; áudios; fotos; livro de visita; livros à venda; contato e outros links. O interessante é que as informações, as produções têm a opção de serem enviadas por e-mail e, nesse processo, o usuário do site é solicitado a indicar um amigo para receber também o texto, o que consideramos mais uma forma de fazer circular a produção da escritora. Para nós, o uso da tecnologia, das suas possibilidades de reprodutibilidade e propagação se constitui como uma tática, empreendida por Trinchão, para fazer circular sua produção, frente ao controle, à negação da existência de uma produção feminina negra, que tem muito a contribuir com o pensamento crítico, intelectual, no que concerne à apropriação da escrita pela mulher negra, enquanto sujeito que fala, que pensa e que produz outras construções culturais. Segue um poema de sua autoria “Mulheres negras mulheres”:

Mulheres negras mulheres,  
lutadoras, corajosas;  
seus filhos levaram, levaram,  
pobres mulheres negras,  
ao pelourinho, ao açoite,  
mulheres negras mulheres.  
Filhas desterradas da África  
grande mãe,  
mulheres negras mulheres,  
exiladas para o mundo,  
baluarte de uma raça,  
mulheres grandes mulheres,  
da cor da noite celeste!  
(TRINCHÃO<sup>7</sup>)

No poema, a autora faz alusão à África como lugar de origem, berço da humanidade, e exalta a beleza e a força da mulher negra, sua resistência matrilinear e milenar. Ontem subjugadas

---

<sup>7</sup>Poesia *Mulheres negras mulheres* disponível em <<http://www.fatimatrincao.net/visualizar.php?id=1273146>>

e trazidas, hoje, em situações cotidianas de opressão, resistem. Em seguida, podemos visualizar na figura 6 alguns comentários relativos à publicação do poema no site de Trinchão:

**Figura 6** – Comentários de leitores do site de Fátima Trinchão



Fonte: <<http://www.fatimatrinchao.net/visualizar.php?id=1273146>>

Transcrição dos dois primeiros comentários:

**Leitor (a) 1:**

“Fátima, Assim como \"Ecos do passado\", também posso utilizar \"Mulheres Negras Mulheres\" para análise em sala de aula? aguardo resposta. Cheiro”.

**Leitor (a) 2:**

“Magnífica poesia. No I Colóquio sobre a Mulher Negra na Geopolítica, discutido aqui em Salvador, as palavras de sua poesia soaram frequentemente com muita certeza de mudança, de grandeza, de afirmação. Parabéns, mil vezes parabéns por uma poesia que nos toca tanto !!”

Podemos ver, por meio dos comentários, o quanto o poema toca os leitores para uma afirmação das raízes negras, da possibilidade de mudança, provocando a utilização dos poemas, por partes desses leitores em eventos e em sala de aula, reverberando na circulação e no alcance de um público leitor maior.

Trinchão ainda afirma que a discussão de seus textos em ambientes acadêmicos tem gerado a provocação e o diálogo com pessoas que lhe procuram, por meio de e-mail, por exemplo, para comentá-los. Ela afirma: “Existe o reconhecimento da escritora, da escritora que fala pelo povo de cor preta e que fala muitas vezes aquilo que esse povo não tem a oportunidade de falar”. (TRINCHÃO, 2013).

Tal efeito receptivo pode ser percebido também no encontro mediado pela performance poética, como faz a escritora Jocelia Fonseca.

Para Fonseca, a performance torna a poesia viva, e funciona como um atrativo para a formação do público leitor, pois ao trabalhar de forma lúdica e criativa com a poesia, utilizando recursos expressivos como entonação, articulação corporal, dramaticidade, etc., desperta a atenção de pessoas que têm dificuldade em pegar um livro para ler. A autora afirma: “[...] através desse trabalho a gente passa nas ruas e as pessoas nos cumprimentam como minha poetisa, minha poeta. Então, temos sido convidadas muito para conferências, palestras, apresentações, aniversários, então funciona[...]”. (FONSECA, 2013)

Abaixo, imagem de uma performance feita por Jocelia Fonseca, que também posta imagens e vídeos desses momentos na rede.

**Figura 7** – Postagem poética de Jocelia Fonseca



Fonte: < <https://www.facebook.com/jocelia.fonseca.7?fref=ts> >

Como vemos, a autora destaca, na Legenda da foto, justamente a capacidade que a poesia tem, através da performance e da oralidade, de adentrar os ouvidos e se alargar pelo espaço:

“Poesia aos quatro cantos  
Aos ventos  
Aos ouvidos dos amantes da vida”.  
(FONSECA, 2013)

E um interlocutor responde, até com um certo tom poético e com a recriação das palavras da poeta, expressando a capacidade da poesia em adentrar os corpos e despertar sensações: “E os amantes da vida agradecem, por seus ouvidos serem alcançados pela poesia que vem através dos ventos dita aos quatro cantos por uma amante da vida.”

Esses diversos meios de formação de público leitor e da interação entre o público e as escritoras revelam a autonomia que essas mulheres adquirem, mesmo que, minimamente, pois, através desses meios, da atividade de divulgação, assessoramento mesmo de sua produção-literária cultural, intensificam o trânsito de suas obras. O que não dispensa a presença crucial de relacionamentos com outros setores da produção literária e cultural, como editoras, universidades, livrarias, mídia, distribuidoras, entre outros. O que nos leva a perceber que: “Analisar a arte já não é analisar apenas obras, mas as condições textuais e extratextuais, estéticas e sociais, em que a interação entre os membros do campo gera e renova o sentido”. (CLANCINI, 2000, p. 151).

Dantas (2009) entende que a mediação entre o campo literário brasileiro e o público leitor se dá por diversos agentes além do editor. Para a mesma (p.31): “resenhas em jornais sobre o livro, estudos acadêmicos sobre a obra de um autor, visibilidade na mídia, hoje atuam de forma mais eficaz do que a escolha individual de um editor”.

O problema é que, como apontam todas as escritoras pesquisadas, a mídia tem um papel fundamental nesse processo, mas não tem atuado em favor da visibilização de seus escritos. Rita Santana (2014) afirma: “Em termos de divulgação você fica muito a critério de uma mídia que ignora o que você escreve. Ignora o que é escrito. A mídia está interessada no que vende. No que já deu certo. [...] Então fico no esquecimento”.

Em outro momento volta a falar:

A imprensa, a televisão brasileira precisa dar visibilidade a essa produção negra, artistas negros aparecerem mais nas mídias, nas revistas, nos jornais, nas manchetes, aparecer a foto! Ainda você abre o jornal para ver muito negro restrito às páginas policiais. Ainda é assim. Então se a mídia não tem consciência e o Estado brasileiro não tomar conta dessa visibilidade que tem que dar ao negro, e aí tem que ter mesmo, a Universidade, eu acho que tem que abrir espaço para produzir e divulgar a produção negra, a produção feminina, a produção dos excluídos. (SANTANA, 2014)

Por outro lado, confirmando a resistência, existência, criatividade e mercado alternativo afirma: “Acho que os livros, as minhas publicações, ficam circulando. As redes sociais têm um papel muito importante”. (SANTANA, 2014)

No texto *Negro em cena*, Andrea Souza (2005) aborda um conceito sobre a mídia, ressaltando sua vinculação com a formação da identidade cultural:

Os modos e veículos de comunicação são múltiplos. Das inscrições nas paredes das cavernas às telas de computadores. É o que se denomina mídia. Por mídia, podemos entender todo suporte de transmissão e difusão de informações, como jornais, revistas, cinema e televisão. A mídia exerce grande influência na configuração dos valores sociais e estéticos do grande público e, historicamente,

tem ou impedido a veiculação da imagem do afro-brasileiro e de seus valores positivos, ou refletido e recriado uma imagem estereotipada difundida pelos ideais e idéias racistas. (SOUZA, 2005, p.169).

É preciso ampliar o entendimento do conceito de mídia e refletir: Qual mídia nós queremos? Nós já não estamos fazendo uso da mídia? Como potencializar esse uso a partir do mínimo? Como criar, dar visibilidade a outras mídias inventadas em prol do alternativo às marcas patriarcais, capitalistas, racistas que assolam elementos midiáticos já conhecidos? Como também perfurar, como em certa medida já se faz, este sistema que está posto? Repetimos a pergunta: Qual mídia nós queremos? Entendemos que:

A mídia pode e deve atuar no sentido de produzir e fornecer conteúdos para a construção positiva da identidade brasileira, explicitando a legitimidade da presença negra na formação cultural do Brasil, reconhecendo o negro como autor, ator, produtor e pensador. (SOUZA, 2005, p.183)

Diante de uma conjuntura que se impõe, é preciso, óbvio, uma articulação entre produtores, mídia, escritores, instituições literárias, educacionais, no intuito de utilizar esse suporte para a democratização do campo artístico e literário. Nesse sentido, há uma rede de relações que não pode ser subestimada, pois, como afirma Cuti:

Textos literários, como vimos, chegam a ser impostos como leitura obrigatória em vários momentos de nossas vidas. Em outros são colocados à nossa disposição para que possamos escolher, nas vitrines e prateleiras das livrarias, em bancas de jornais ou nas bibliotecas. Essa disponibilidade de um livro ou qualquer outro material de leitura também é resultado de um ou de vários filtros. Filtrar significa reter algo e permitir que algo passe. Desde o conselho editorial até o balconista de uma livraria ou atendente de biblioteca o texto pede passagem e dele são exigidos certos pressupostos. As editoras, por exemplo, têm o que chamam de “linha editorial” demarcadora de suas exigências para os que nela procuram a publicação de seus escritos. [...] Assim como existe tal “linha” orientando o crivo (a escolha) entre os títulos a serem publicados ou não, também, posteriormente, haverá a seleção do que, estando disponível no mercado, deve receber o aval da publicidade ou da cumplicidade dos meios de comunicação e do Estado para redundar em leitura. (CUTI, 2010, p. 48-49).

É preciso capturar o que nos é interdito! Como evidencia Cuti (2010), há um percurso, desde a produção, publicação até a veiculação de um livro, e, nesse circuito, vários fatores operam contra ou a favor da efetivação da leitura, que é o fim maior de qualquer obra.

Entendemos que a legitimação de um escritor constrói-se por um campo de forças que envolve vários fatores. As editoras, os programas televisivos nacionais, a “grande mídia” desempenham um papel importante nesse processo, mas se esse suporte, no caso das escritoras

negras, na maioria das vezes, não é acessível, há que se criar caminhos para alcançar um (mínimo de) reconhecimento que as mesmas merecem ter.

Nesse processo, o campo da produção e circulação literária no Brasil tem sido modificado e dinamizado pela sua difusão em meios, antes não tanto utilizados, como a internet. Observa-se, do ponto de vista histórico, uma transmutação de espaços, pois produções literárias, antes, veiculadas no folhetim, em “porções” diárias, semanais para um público leitor de determinada localidade, hoje, acompanhando o movimento de globalização se prolifera em fragmentos, excertos ou em sua totalidade pelas redes cibernéticas, rompendo as fronteiras do local e alcançando um público leitor incontável.

Tal ferramenta une o autor ao seu público leitor de forma mais íntima, o que tem ajudado a criar contatos maiores com o texto literário, incentivando, assim, a aquisição destas obras em seu formato material. O autor, desta posição, torna-se um agenciador, mediando o processo de acesso do leitor à sua obra, tarefa tradicionalmente cabível ao editor.

As atividades empreendidas pelas escritoras com o uso de blogs, sites e redes sociais nos indicam uma forma positiva do sujeito artístico se apropriar da reprodutibilidade técnica, o que nos leva a refletir sobre os modos de usos dessa ferramenta tão utilizada nos dias de hoje.

É notável que o uso da reprodutibilidade técnica tornou-se viral, seja como uma ferramenta de possível acessibilidade a produções antes auratizadas, seja como forma de disseminação política e ideológica, como nos aponta Benjamin (1987).

Reprodutibilidade é um termo que nos ajuda a refletir, pois se configura justamente na habilidade de reproduzir. Não é uma simples reprodução, mas é o uso da técnica com a habilidade, por isso é importante perguntar em que medida se está fazendo uso disso, para quê, em que função?

Como nos alertara Benjamin (1987), os nazistas utilizaram massivamente os meios de reprodutibilidade técnica, se apoderaram de modo intenso da linguagem moderna, trabalharam a voz, a performance para impactar, de forma a naturalizar, camuflar uma barbárie. Se apoderaram dos meios de comunicação de massa para veicular sua ideologia, transformando-se em um verdadeiro espetáculo para as massas.

Se, como fora na época do nazismo, se quer controlar as massas por ideologias e concepções culturais dominantes, que se disseminam através do uso da técnica e de seus aparelhos reprodutores, o (a) artista, neste caso o (a) escritor (a) não pode se colocar numa atitude ingênua, se eximir do uso da reprodutibilidade técnica, mas pode também utilizar os mesmos aparelhos e dispositivos para perpassar outra forma de pensar, de ser, uma outra lógica material, cultural, social . O que está em questão são os modos de uso sobre o aparelho, nesse sentido a reprodutibilidade



técnica é interessante quando operada por sujeitos sociais, como as escritoras negras baianas, para fazer circular outros modos de produção não hegemônicos. A reprodutibilidade, assim, é usada enquanto mecanismo em prol da circulação de seus textos para pensar um outro modo de ser mais humano, que dê abertura à diversidade, às vozes e histórias que rasuram aquilo que se quer homogêneo, patriarcal, etnocêntrico. Esse é um modo de afirmação, a partir da arte, que não se deixa cooptar por um sistema dominante, mesmo usando, por vezes, o seu meio como suporte.

A literatura é também um dispositivo, seu efeito e sua funcionalidade dependerão de seu uso, de sua apropriação, por isso é necessário o desmonte, a quebra das formas de controle do dispositivo, desarticulá-lo, fazendo do lugar de ruínas, em que, por vezes, se encontra os (as) produtores (as), um lugar de invenção.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as táticas utilizadas pelas escritoras, o uso da internet mostra-se fundamental para a veiculação de seus textos e para o chamamento de um público leitor. Podemos ver a mesma produção literária em diversas e diferentes plataformas na internet – em blogs, sites, redes sociais, canais de vídeo, entre outros. Se as novas formas de organização do pensamento se dão pela imagem, se o fato precisa ser flagrado pelo aparelho e posto em rede, então que nos apropriemos disso da melhor maneira que podemos e para um fim em que a alienação não seja a meta, mas que ensaiemos, pelo uso da tecnologia, formas libertárias de ser e viver, dando espaço à potência do pensamento humano, que se quer mais autônomo.

É importante ressaltar que, em Benjamin (1987), visualizamos a preocupação política de agenciamento do sujeito, a necessidade do sujeito se apropriar dos modos de reprodução técnica, justamente para não se deixar cooptar pelos sistemas estratégicos que já as utilizam. Esse é, pois, o sentido, a politização da arte! É refletir como é que foi produzido o (a) artista, como é fundamental desaturar a obra de arte para encontrar o sujeito e suas condições de produção. Essa é uma ação que tem em seu cerne a politização da própria noção de estética, de arte, lançando sobre esta uma outra forma vital de olhar, uma nova forma do sujeito se afirmar a partir desse espaço estético, artístico. Uma nova forma de usar a reprodutibilidade técnica em favor de uma ação social, cultural, política e mais acessível.

O uso de tais ferramentas de acesso e comunicação tem sido, constantemente, fomentado e potencializado pela inventividade e criatividade das escritoras, que, gradativamente e através de pequenas ações, como a postagem de seus escritos na internet, vem alcançando grandes efeitos na captação de um público leitor crítico e interessado em seus escritos. São textos que trazem marcas

de resistência e de transgressão, uma vez que as escritoras compõem universos fictícios, poéticos que partem de uma localidade discursiva, prenhe de impressões e expressões subjetivas. Assim, até por conta disto, operam “processos de decolonização” de que nos falam Candau e Oliveira (2010) que vão contra padrões eurocêntricos e hegemônicos pré-estabelecidos. O interesse despertado nos leitores indica a presença de um público potencial sedento de escritos inscritos sob o olhar da mulher, especialmente a negra, trabalhados por marcadores socioculturais, como o gênero e a raça, e que encontram respaldo no horizonte de expectativa dos receptores, principalmente nas mulheres e negras

Verificamos que as escritoras, além da produção textual materializada em forma de livro, instauram outros modos de produção que se inscrevem em teias culturais, performáticas, coletivas, cibernéticas, pondo, literalmente, a literatura negra baiana em rede.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado**: Literatura Brasileira contemporânea. Belo horizonte: Nandyala, 2010.

BARBOSA, Daniela Aguiar. **Literatura e internet**: uma via de mão dupla entre o impresso e o digital. 2012. 136 f. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem ) UENF, Campos dos Goytacazes – RJ.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, vol. I. 3. Ed. SP: Brasiliense, 1987, p. 165 - 196.

CANCLINI, García Néstor. Artistas, Intermediários e Público: inovar ou democratizar? In: **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 3ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 99 -158.

CANDAU, Vera Maria Ferrão, OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: **Educação em Revista**. v. 26. n. 1. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2010, p. 15-40. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/02.pdf>> Acesso em 25 de abril de 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de Sao Paulo, Editora UNESP, 1998.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DANTAS, Larissa de Araújo. **Espaços de visibilidade**: trajetórias possíveis no campo literário brasileiro. 2009. 111f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Literatura.). Universidade de Brasília. Brasília.

EAGLETON, Terry. Fenomenologia, Hermenêutica, Teoria da recepção. In: **Teoria da literatura**: uma introdução. 6ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 82 - 136.

HALL, Stuart. Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação: uma entrevista com Stuart Hall. In: **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Liv Sovik. (Org.) Trad. Adelaide La Guardiã Resende (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 353-386.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: JAUSS, Hans Robert; LIMA, Luiz Costa. (Orgs.) **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63 – 82.

LOPES, Denilson. Da estética da comunicação a uma estética do cotidiano. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo (Orgs.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 117-154.

MUZART, Zahidé Lupinacci. História da Editora Mulheres. In: **Revista Estudos Feministas**. Vol. 12. Set.-dez., 2004, p.103-105.

SANTANA, Rita. **Tramela**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.

SANTOS, Elizangela Maria dos. Literatura e democratização cultural: negociações para um novo olhar na contemporaneidade. In: **Anais: 3º Colóquio do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho: A crítica literária no Brasil**, 3., 2012, UEFS, Feira de Santana, p. 83-92. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/romantismoliteratura/coloquiogrupodeestudos2011/anais/3coloq.anais.83-92.pdf> Acesso em 23 de maio de 2013.

, Augusta. Breve história da literatura negra. In: **Musa Calíope: Revista eletrônica internacional de Literatura e poesia**. Ed. nº 4, nov - dez 2011, vol.1. Disponível em: [http://issuu.com/icsdobrasil/docs/musa\\_caliope\\_ed4\\_volume\\_i](http://issuu.com/icsdobrasil/docs/musa_caliope_ed4_volume_i) Acesso em 16 de junho de 2014.

SOUZA, Andreia Lisboa de. Negro em cena. In: SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al]. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares. 2005, p. 168-186.

TRINCHÃO, Fátima. **Mulheres negras mulheres**. Disponível em: <http://www.fatimatrinchao.net/visualizar.php?id=1273146> Acesso em 17 de nov. de 2013.

***Title***

The reading public and the black women's literature: encounters in networks and between enchantment.

***Abstract***

The following work reflects on the use of the internet in the process of reception of texts black women writers from Bahia: Fátima Trinchão, Jocélia Fonseca, Mel Adún e Rita Santana. We seek to observe how the process of intercommunication between author, text and reader can be amplified by a networked literary transit, reverberating in the formation of an interaction bond which brings afloat interconnected subjectivities. We take as a basis authors as Benjamin (1987), Chartier (1998), Canclini (2000), Cuti (2010) Eagleton (2006), among others. To do so, we describe tactics undertaken by women writers in the search for the circulation of his writings and the reach of a reading public, verifying how the internet is an effective means of transmitting not only their texts, but of fostering a horizon of expectations of potential readers. This process of visibility and reach is made possible by electronic networks, since, faced with the difficulties of insertion in the book chain use alternative ways to echo their voices. The interest aroused in the readers indicates the presence of a possible public thirsty for women writings inscribed under the axis of gender and race.

***Keywords:***

black women writers; reception; electronic networks; potential reader.

---

Recebido em: 08/11/2017

Aceito em: 21/12/2017